

## Experiência de campo

### Clandestinos de volta para casa, amarga odisseia inacabada.<sup>129</sup>

Abderrahim Bourkia<sup>130</sup>

#### INTRODUÇÃO

Desde o começo dos tempos o homem sempre migrou para sobreviver ou simplesmente para melhor viver. O século XXI será o século dos povos em movimento. Em todos os tempos, a imagem do imigrante cristaliza os medos, os temores de um futuro incerto e de um presente que não convém.

Os imigrantes compõem o objeto de estudos, de amálgama, às vezes de discriminações e de componentes racistas. Porém minhas discussões com os entrevistados não apontam soluções à questão da xenofobia.<sup>131</sup> No entanto, às vezes, frases intercaladas por palavras que saem do nada, nos traçam um retrato do que suportariam os migrantes irregulares.

A pesquisa sobre os imigrantes clandestinos marroquinos de volta ao seu país, gerenciada com o organismo de Londres Instituto de Pesquisas em Políticas Públicas (IPPR), me levou mais uma vez a uma temática que eu gosto muito<sup>132</sup>. De fato eu tive a ocasião de fazer um curso sobre os direitos humanos e os direitos fundamentais no Mestrado de Direito Internacional, e minha primeira

129 Texto traduzido por Roberto Jardim, membro da Revista Sociologias Plurais. Título original: *Clandestins de retour au berçail, l'amère odyssée inachevée*

130 Abderrahim Bourkia, jornalista, pesquisador e doutorando em Ciências Sociais no Centro Marroquino de Ciências Sociais (CM2S) na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade Hassan II em Casablanca.

131 Sobre o desenvolvimento dessa ideia, Pierre Tevanjan, abordou na sua obra a República do desprezo.

132 Pesquisador e consultor do Instituto de pesquisa sobre as políticas públicas (IPPR) sobre os migrantes clandestinos marroquinos de volta “Beyonde Irregularity” London, Royume-Uni.

publicação, tratavam especificamente do trabalho das mulheres imigrantes como uma forma de submissão perpétua<sup>133</sup>. Além disso, eu redigi vários artigos e reportagens sobre os imigrantes subsaarianos<sup>134</sup> no Marrocos e sobre os magrebes que vivem na Europa<sup>135</sup>. No começo do meu estudo de campo, no mês de maio (2012), eu pedi a todos a minha volta (família, amigos e colegas) para me ajudarem a encontrar contatos que me permitissem começar minha pesquisa.

Migrar ou o hrig<sup>136</sup> em dialeto marroquino hoje é uma solução entre outras para tentar ganhar a vida em outro lugar e de viver melhor. Uma vez que vivemos em uma sociedade onde o futuro é mais que incerto para crianças e jovens que deixaram a escola bem cedo, as chances de saírem dessa situação são bem mínimas e até mesmo ausentes. Sem falar dos assuntos da atualidade que geram muitas discussões no momento: a corrupção, o clientelismo, as vozes em resposta contra as práticas discriminatórias, as manifestações regulares dos desempregados que, a cada quarta-feira feira, se apresentam ao Parlamento em Rabat; a migração em busca do Eldorado<sup>137</sup> da costa norte do Mediterrâneo é de fato uma possibilidade de promoção social. E, para todos aqueles que são o objeto desse estudo, trata-se de migrar clandestinamente. Essa escolha é arriscada e pode lhes custar a vida. Contudo, eles estão conscientes disso, mas

133 Artigo intitulado “Trabalho das mulheres migrantes e submissão perpétua” publicado nas obras do colóquio “Resistir no trabalho e na migração”, Hartammattam Março de 2001.

134 Nota do tradutor: subsaariano ou subsaharianos designa habitantes de países do continente africano que ficam ao sul do deserto do Saara, ou seja, países que não fazem parte da África do Norte.

135 O Marrocos, uma terra de migração <http://www.unhcr.org.ma/spip.php?article147>; Os migrantes protestam contra a precariedade <http://www.maghress.com/fr/lematin/128985>; Subsahariens na cidade, [http://www.ccme.org.ma/fr/images/stories/YMD/Le\\_Matin\\_Les\\_Subsahariens.pdf](http://www.ccme.org.ma/fr/images/stories/YMD/Le_Matin_Les_Subsahariens.pdf); Os Marroquinos se ruem sobre Bruxelles [http://fr.altermedia.info/politique/les-marocains-se-ruent-sur-bruxelles\\_44229.html](http://fr.altermedia.info/politique/les-marocains-se-ruent-sur-bruxelles_44229.html).

136 Essa palavra prove do verbo árabe que significa queimar ou inflamar. O que/aquele que “queima ou hreg” destrói seus papéis de identidade e queima sua vida anterior e a troca por outra, nova. Ler sobre esse assunto Fernando J., “Passagem a tanger”, in Socio-anthropologie, n° 6-1999, Passagens disponíveis em <http://socioanthropologie.revues.org/document112.html>. Queimar pode da mesma forma significar não parar no sinal vermelho ou sua vez em uma fila de espera.

137 Edgar Allan Poe escreve um de seus poemas: « Para além das montanhas da lua, embaixo no vale das trevas... Corre, corre intrépido, lhe responde a sombra... Si você estiver procurando o Elo Dourado. »

preferem ignorar esses riscos, que “ficar no país”. A maioria confessa que prefeririam essa escolha a arriscar acabar na sombra nas drogas, na delinquência ou exercer um trabalho precário que só remuneraria bem pouco. Não se lhes via lamentar seu destino ao longo de toda vida, ou se culparem pelo destino que lhes havia feito nascer pobres no Marrocos. O risco também, em vista da atualidade, é de, quem sabe um dia, se entregar à morte voluntariamente, depois de ter caído nas redes de extremistas, ou mesmo, acabar em uma unidade psiquiátrica ou ainda de vagar pelas ruas “sem eira nem beira”. E é justamente aqui que se coloca o problema dos migrantes que voltam e que geram situações difíceis aos observadores. Duas questões principais vêm orientar minha contribuição.

**INICIALMENTE: POR QUE SE MIGRA DO MARROCOS? E NO FIM DAS CONTAS: O QUE PROPÕE O PAÍS AOS MIGRANTES CLANDESTINOS QUE RETORNAM?**

Meu estudo me permitiu observar elementos que são constantes: os emigrantes que estão de volta ao Marrocos foram realmente condenados a voltar, da maneira menos triunfal, possível, sem dinheiro nem glória. Eles trouxeram em suas malas vergonha, tristeza, infelicidade e desesperança. Isso foi muito evidente para os emigrantes que voltaram na região do eixo Beni Mellal, Fquih Bensaleh e Khouribga, Zona já conhecido por sua porcentagem elevada de emigrados. Ocorreu-me, em várias vezes, de cruzar informações de pessoas que apresentam problemas de saúde mental constatado e, quando eu interrogava o migrante com quem eu estava já em entrevista, constantemente sentados ele e eu no terraço de um café na cidade, meu interlocutor me falava com precisão que dos emigrantes que voltavam ninguém havia sido deportado da Itália ou da Espanha.

Eu me lembro, alias de uma pessoa de meu bairro, que foi deportada da Europa há uns oito anos. Esse homem estava totalmente deslocado com sua nova vida: ele havia vivido anos na Europa, entre a França, a Itália, a Espanha e a Alemanha. Ele falava constantemente sozinho e tinha crises de paranoia, dizendo

que todo mundo fazia piadas sobre ele, o que infelizmente era verdade. Alguns anos mais tarde, ele e sua família deixaram o bairro para ir morar em Agadir no sudoeste do Marrocos. De vez em quando ele vinha na cidade. Eu era amigo de seu irmão que vive na França agora. A comunicação entre nós dois nunca foi alterada. Ele me contava suas viagens, tal um “hobo<sup>138</sup>”. Mas ele nunca falou da razão pela qual havia sido expulso. Ele não é mais o mesmo desde seu retorno forçado. Infelizmente sua história não a única.

Assim, toda pessoa que volta contra sua vontade compromete sua saúde mental. Uma tese confirmada pelas respostas dos emigrantes encontrados e de atores associativos que me os presentou. Os que puderam se beneficiar da ajuda de seus próximos se portam melhor. Por outro lado, a ausência do suporte da parte da família condena constantemente os emigrantes de retorno a não poder superar essa adversidade. Retorno sobre suas histórias de vida.

## HISTORIAS DE VIDA QUE CONTAM ADVERSIDADES

Há algo que é comum em meus entrevistados. Quase todos partilharam histórias que falavam de “dificuldades”, de trabalho difícil, de adversidades e de miséria. Esses infelizes “do baixo mundo” escolheram a vida na clandestinidade. A maioria dos meus interlocutores viveu mal seu retorno e escondiam dolorosamente sua aflição. Eles não responderam às expectativas de suas famílias e devem encarar a pressão social, os olhares dos vizinhos, dos amigos, do dono da mercearia da esquina. Todos esses fatores infetam seu cotidiano. Contudo por não sei qual poder, eles se resignam à realidade, vivem seu cotidiano e aspiram que um dia sua vida mude e lhes permita conhecer um retorno a uma vida melhor. Tudo isso graças a Deus. E não é por acaso que a fórmula “Hamdolillah<sup>139</sup>” pontua minhas entrevistas

---

138 Esse termo foi tomado emprestado de Nels Anderson “The Hobo, The Sociology of the Homeless Man”, university of Chicago Press. Chicago 1923;

139 Essa palavra quer dizer “eu agradeço a Alà”. Apesar das adversidades, os clandestinos dizem.

Minha primeira entrevista foi realizada depois de vários encontros marcados com um jovem de meu bairro. Ele guardava sempre boas recordações da época em que nós éramos jovens, quando eu dava aulas de reforço a seu primo e, sobretudo quando eu jogava e treinava uma equipe de futebol da qual ele fazia parte. A gente se dava bem e ele me convidou para ir à sua casa, longe dos olhos e dos ouvidos daqueles que o criticavam, Salah me contou sua história de A a Z. Depois de uma infância e adolescência normal no seio de uma boa família, entre a escola, o futebol e o surf, Salah queria mudar de vida. Seus tios que viviam na Europa (Na Espanha e na Alemanha), o haviam encorajado a ir viver com eles. “Aqui a vida é diferente”, diziam eles, “isso te ensinará a ser um homem se você quiser”. No começo, tudo se passou bem. Seu visto havia expirado mais ele ficou e começou a trabalhar à noite<sup>140</sup>, se deixando explorar por seu empregador espanhol<sup>141</sup>. Esse último lhe havia prometido mundos e fundos. “você terá seus papéis meu filho”, lhe dizia ele. Salah estava convencido de que um dia, ele teria sua recompensa e seus famosos papéis. Então, ele não queria mais retornar ao Marrocos. Principalmente depois de ter provado certa qualidade de vida, que não se encontra no seu país natal, somente reservada aos ricos que buscam viver em suas fortalezas longe dos guetos de Casablanca<sup>142</sup>. Pelo menos, na Europa, “todo mundo é igual”<sup>143</sup>. Seu sonho não pôde se prolongar por muito tempo. Um controle de polícia. Um interrogatório e depois a deportação imediata para o Marrocos.

Decepcionado mas mesmo assim não desencorajado, ele tentou migrar mais uma vez. Um visto de curta duração, e lá estava ele de novo na Espanha. Ele jurou a si mesmo que desta vez agora não se deixaria enganar por quem quer que seja. Seu objetivo era ganhar o máximo de dinheiro e viver melhor, pouco importava o meio para conseguir isso. O essencial para ele era não se deixar explorar uma segunda fez. O caminho mais curto e a partir de então, o mais

140 O trabalho “à noite” é sempre possível, principalmente nos sábados e domingos.

141 Ver les fourmis d’Europe: migrantes ricos, migrantes pobres e novas cidades internacionais de Alain Tarrius em colaboração com Geneviève e Marotel. Harmattan. 1992.

142 A explicação puramente econômica da migração é insuficiente, outros aspectos merecem ser mais desenvolvidos: simbólico, sociológico, cultural e político.

143 Ele queria dizer com isso que existe uma justiça social na Europa, já no Marrocos, nem mesmo se fala disso.

confiável, segundo todos os emigrantes que interrogei, era o tráfico de drogas. Esse foi um erro monumental. Seus tios cortaram todas as relações com ele. Estava acabado, eles não queria ter problemas com as autoridades espanholas. Depois de um ano de atividades ilegais e deixando sua esposa e um recém-nascido, Salah foi detido e colocado atrás das grades. Em seguida ele foi expulso sem possibilidade de voltar. Sua vida se desmoronou como um castelo de cartas. Se estava para ser refeita, tal era minha questão em voz off, Salah respondeu que ele teria mais atenção e não cometaria os mesmos erros.

Esses erros custaram o mesmo preço a Mounir, outro jovem de meu bairro<sup>144</sup>, contudo ainda cheio de humor, de vitalidade e de energia, inteligente e dotado de uma forte personalidade. A partida de seu pai que foi viver com outra mulher, deixou um enorme vazio na sua vida e na de toda a família. Mounir, sendo o filho mais velho, teve que deixar a escola, encontrar trabalho e suprir às necessidades de sua família. Ele trabalhava na indústria têxtil e ganhava um salário miserável. Mounir cansou-se dessa situação. Ele queria tentar sua sorte migrando em direção à costa norte do Mediterrâneo. Depois de várias tentativas, ele conseguiu embarcar em um barco de mercadorias. Chegando à Espanha, onde só conheceu “adversidades” sobre “adversidades”. Ele encontrou trabalho. Ele encontrou alguém<sup>145</sup>. Uma nova vida se abria para ele. Mounir ganhava um salário razoável, mas suficiente para compra o que comer, pagar o aluguel, se vestir e, sobretudo mandar um pouco de ajuda à sua família. Depois ele foi demitido de seu trabalho, e não podia mais enviar dinheiro pra sua família. Aos poucos sua comunicação com sua mãe ia se tornando rara. E ela dizia, com razão: precisamos de dinheiro. Mounir deu, contra sua vontade, seus primeiros passos em direção do caminho sem volta. O do tráfico de drogas. Primeira detenção. Libertado condicionalmente com suspensão [do encarceramento]. Algumas semanas de mãos vazias e a barriga vazia. Os telefonemas da família e seus outros problemas: o aluguel, a conta de eletricidade e de água, a comida, ele

144 A Hay Hassani, “Derb Jamilla” é um dos bairros populares do sul da cidade de Casablanca.

145 Um marroquino lhe propôs um trabalho e um estúdio/quitinete barato.

reincide. A interpelação, a condenação, a prisão e depois a expulsão em direção ao Marrocos. Quando colocou os pés em seu país, acompanhado de uma patrulha espanhola, ele teve de vender os objetos de valor que tinha para poder ser libertado. Olhar de desprezo dos outros. Perda de confiança e perda de referências de uma vida normal. Ele não é mais o mesmo. Mesmo se houvesse uma esperança de voltar à Espanha, sua namorada e seus amigos estavam sempre em contato com ele. Mounir começou a trabalhar como intérprete em um circo espanhol que passava pelo Marrocos. Ele descobriu que o circo não passava de uma farsa, para ocultar atividades de espionagem e contatou o serviço de informação geral para denunciá-los. Ele ganhava 8000 dirhams por mês, sem falar das gorjetas. Os espanhóis foram deportados e os elefantes foram bloqueados por causa da nova regulamentação europeia. Quanto a Mounir, ele voltou a ficar desempregado, no bairro e na ociosidade. Vítima de um complô, diz ele, certas pessoas do bairro, ele foi preso por policiais apaisanas e conduzido à delegacia. Alguém lhe havia confiado uma quantidade da resina de *cannabis* enquanto foi dar uma volta. Depois de ter cumprido sua pena, ele tornou-se ainda mais desmoralizado. Sua namorada não respondia mais a seus telefonemas, desde que soubera que ele havia sido preso. Mounir levou meses e meses antes de se recuperar. Depois de nossa conversa, ele me disse que queria refazer sua vida, recomeçar do zero, e viver em uma cidade reclusa, longe das más línguas.

Há também Abdelilah, que voltou voluntariamente ao Marrocos por razões familiares. Sua motivação principal era viver outra vida, de se afastar da tutela familiar e de ganhar ele mesmo sua dignidade longe desse país onde as chances não são as mesmas para todos. Hassan pensa da mesma maneira, a vida é difícil no Marrocos. É o que defende também Rachid, Driss, Bouchaïb, Mohamed, Youssef e Achraf que tentou se suicidar tomando veneno de rato. Todos eles falaram também de “hogra”. Os testemunhos são de fato permeados por essa palavra bizarra que não encontramos no dicionário árabe “Al Manhal” ou “Al Mounjid” ou em qualquer Larousse ou livro de sociologia. O que é a “hogra”? Ela corresponde ao fato de não ter a capacidade de satisfazer às suas necessidades,

de não encontrar o que comer e o que beber? É algo material ou imaterial?

Por que então os jovens, tanto urbanos quanto vindos do meio rural são a tal ponto atraídos pela Europa? De fato, o objetivo é na maior parte dos casos, ganhar sua vida e aceder a melhores condições de vida. Falemos então de migrantes econômicos. Mas esse estudo nos permite colocar em evidência outro componente que influi na escolha de emigração: nós assistimos a um verdadeiro movimento social de jovens marroquinos que buscam escapar de uma realidade social opressora: é a famosa e fatal “hogra”.

### Hogra ou o fatal desprezo pelo outro

Esse termo é comum nos países do Maghreb. Ele representa o desprezo: desprezo de uma pessoa para com a outra, dos mais ricos pelos para com os pobres, da autoridade em relação aos cidadãos, dos urbanos pelos rurais, dos fassis (originários de Fès, cidade conhecida por suas grandes e ricas famílias históricas) para com outros marroquinos, dos árabes para com os berberes, dos citadinos para com os rurais... O termo designa simultaneamente indiferença, falta de empatia ou ainda arrogância, sinais que podem comportar um gesto ou uma atitude de uma pessoa em relação à outra. Os testemunhos de Zakaria de Equih Bensaleh e de Said me vêm ao espírito. Zakaria vivia no seio de uma família modesta. Um dia ele decidiu deixar sua cidade natal e fazer de tudo para ajudar sua família que vivia na precariedade. O que o levou a partir foi a vida nesse ambiente de “hogra<sup>146</sup>”. Já bem pequeno, por causa das reflexões de vizinhos dos colegas de classe, que zombavam de sua única calça e de suas “sandálias de mulher”, depois, a atitude de seu empregador em Tanger, que o havia explorado descaradamente durante 18 horas por dia, pagando 6 DH por l'heure: o cúmulo da

---

146 Essa palavra pode ser usada de uma maneira coletiva em uma manifestação os grevistas, todas as seções juntas, os jovens em mal de consideração, os desempregados a procura de um emprego ou mulheres que lutam para encontrar seu lugar em uma sociedade machista, denunciando a violência dos homens; ou de uma maneira individual, um assalariado descontente com sua direção e com seu superior, um jovem da cidade que se deixa levar pelos outros...

“hogra”. Zakaria não é o único. Driss, Rachid, Youssef e os outros falam da mesma coisa. A “não valorização” do humano. Esse desprezo visceral que caracteriza a sociedade marroquina. O povo o sofre todo dia na rua, no trabalho, nos governos e às vezes no seio das famílias, o que é ainda mais prejudicial. Embora os que eu encontrei vivam seu fracasso com muita amargura, eles estavam persuadidos de que migrar clandestinamente era, contudo uma solução para sair de sua precariedade e da delinquência<sup>147</sup>. Esse sentimento tem um nome: “Ennajate” em árabe, que quer dizer *resgate* em francês, significa um migrante que deixou o Marrocos clandestinamente e vive melhor nos Estados Unidos desde mais de 17 anos.

“Um buraco de ratos” diz ele, “um cesto de caranguejos”, acrescenta outro migrante que vive na França. Por que tal obstinação em querer partir? A vida é impensável no Marrocos. Uma vez que certas pessoas dizem que ali vivem tranquilamente, outros afirmam que é necessário se adaptar ou perecer e que isso não deve poder mais continuar assim no Marrocos. Existem muitas desigualdades e muitíssimo/a “hogra”. Esses migrantes clandestinos, sejam Magrebes, Africanos, Asiáticos ou Latino Americanos, são os que resistem nesse mundo desigual. Eles dizem partir com esperança de retorno. Um retorno triunfal. Michael Hardt e Antônio Negri lhes faz um vibrante elogio: “os heróis reais da libertação do Terceiro-mundo hoje poderiam muito bem ter sido os imigrantes e os fluxos de população que destruíram as antigas e novas fronteiras. De fato o herói pós-colonial é o que transgride continuamente as fronteiras raciais e territoriais, que destrói os particularismos e indica a direção de uma nova civilização.<sup>148</sup>”.

## CONCLUSÃO

A questão volta sem cessar nos debates da sociedade: “por que, apesar do

147 A ideia sublinha que a pobreza, a precariedade e a delinquência revela-se uma verdadeira política para incitar as classes sociais a fugir. Ler sobre esse assunto Patrick Chabal e Jean Pascal Daloz. Africa Works, Disorder as Political Instrument. James Currey (Oxford/Booomington) Indiana University Press, 1999.

148 Michaël Hardt e Antônio Negri, Empire, Paris 2000.

reforço do controle nas fronteiras e da luta dos países europeus contra a imigração ilegal, os marroquinos continuam a atravessar a fronteira e a colocar sua vida em perigo, e apesar da crise que agride a Europa?”.

A problemática é complexa e merece uma análise aprofundada. Uma política europeia de vigilância comum e perpétua das fronteiras não pode sozinha, resolver esse problema. O discurso de segurança, de desordem social, de comunitarismo não deixa de ser martelado na mídia especialmente durante campanhas eleitorais.

Estamos lidando com algo que vai para além de uma resposta econômica, melhora das condições de vida nos países de partida ou nos países de chegada. Trata-se de um verdadeiro problema social. O objetivo é aprender a conhecer a sociedade para melhor curar seus males. Curar o indivíduo, curar o coletivo, diminuir os medos, dar-lhe novamente confiança, erradicar a corrupção, etc.

E a repressão dos migrantes em direção aos países que sofrem de uma taxa de desemprego elevada, declínio de coesão social pode ter pesadas consequências sobre seus países. Na maioria, longe de estar preparados para acolher migrantes que viveram talvez anos na Europa. Acostumados a um ritmo de vida, muito diferente, que se entrega ao tráfico de drogas, membros de bandos de crimes organizados, esses migrantes vão desestabilizar a ordem pública no seio de seus países mais ou menos pacífico. Eles vão trazer novas técnicas aprendidas na Europa para entregar de bom grado às operações de roubo (isso já aconteceu várias vezes em certas cidades de Reino, o roubo das agências de banco ou transferência de dinheiro a mão armada). Certos autores eram emigrantes que retornaram ao país. Pessoas obstinadas. É importante acrescentar que essas pessoas que não têm nada a perder podem ser alvos privilegiadas na rede e a toda pessoa que busca desestabilizar a ordem pública estabelecida (Criminosos, terroristas).

Esse estudo de campo, através dos depoimentos coletados permite observar a migração clandestina como um fenômeno social entre outros que permite melhorar, mudar seu cotidiano e suas condições de vida. E para além da

migração em si coloca o problema do tornar-se clandestino que voltaram que partiram porque eles não suportavam mais sua situação, voltam com vergonha, subestimados pelos que estão à sua volta e doentes de sua sociedade, condenados a não mais partir e forçados a voltarem-se para projetos de vida (se os há) no Marrocos ou então constantemente em sua região de origem. Um retorno ao ponto de partida mal vivido em quase 100% dos casos. O Marrocos não se preparou para recebê-los e para reinseri-los. É o desafio ao qual o país deve se preparar, pois esses repatriados, em razão do choque vivido em sua repatriação, podem colocar em perigo sua vida ou a de outros (depressão, problemas de saúde mental, atividades ilegais e perigosas, influências de redes criminosas, etc.).